

A ESCOLA E O MUNDO ACTUAL

Jorge Pinto*

I. INTRODUÇÃO

A compreensão do Mundo Actual na Escola não deve de modo algum dar lugar à introdução de uma nova disciplina, num programa já carregado.

Deve antes ser uma preocupação das diferentes disciplinas já que a "Educação" deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o reforço do respeito dos direitos do homem e das liberdades fundamentais. Deve favorecer a compreensão, a tolerância, a amizade entre todos os indivíduos, grupos raciais e religiosos e nações... (artigo 26, alínea 2 da Carta dos Direitos do Homem).

Isto não é possível sem o desenvolvimento nos alunos de atitudes de respeito mútuo e autonomia quer moral quer intelectual.

O Mundo Actual é de tal modo complexo que seria reducionista limitá-lo à disciplina A ou B, embora haja disciplinas em que devido ao seu programa esta abordagem se torna mais evidente.

Mas o conhecimento do Mundo Actual não é "saber mais conteúdos" é antes de tudo uma atitude perante o conhecimento e perante a vida e isto diz respeito a todos os ramos do saber.

Educar nesta perspectiva é uma decisão política, como o é igualmente não o fazer, e pode perturbar algumas consciências mais presas às estratégias que as sociedades permitem para que não sejam postas em risco.

* Escola Superior de Educação de Setúbal

O que pretende um ensino transmissivo centrado em conteúdos segmentados apresentados pelo professor ou pelos manuais e inoperantes para a compreensão do Mundo Actual? Certamente que esta também é uma decisão política.

Mas se à escola cabe um importante papel educativo cabe-nos a nós professores decidir porque caminhos optar.

II. "AS VERDADES" OU A "SUBVERSAO"

Optar por uma via "subversiva" de ensinar é aprender a lidar com a "marginalidade" de pensamento e de acção.

Nenhuma verdade é toda a verdade.

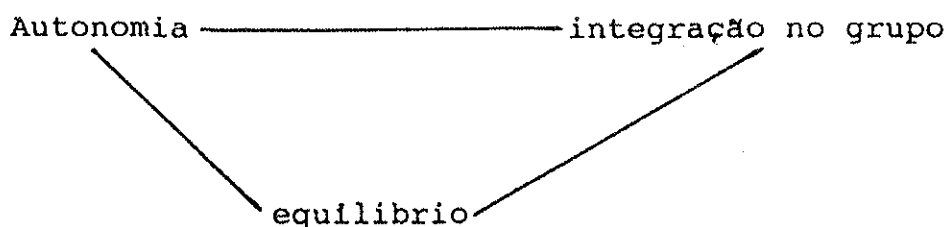
Existem as verdades oficiais, existem as verdades dos princípios, existem situações em que se recobrem quase totalmente ou que não se recobrem e nesta "décalage" existe a margem de pensamento e de acção de cada um. Para lidar com isto é necessário desenvolver dois tipos de atitudes:

- não intransigência ou ser capaz de se colocar do ponto de vista do outro (nem tudo é preto ou branco);
- respeito e dignidade perante o outro.

Isto implica da parte do professor uma modificação profunda do seu papel de "Dirigente". Uma atitude relacional nova em que alunos e professores são pares num mesmo processo com igualdade em direitos e deveres (apesar destes poderem ser diferentes).

Esta nova atitude relacional deve potenciar uma maior disponibilidade dos alunos face às tarefas e obrigações e uma maior autonomia face aos colegas e professores. Condições para se estabelecer um contrato vantajoso em termos de desen-

volvimento. Haverá ainda que lidar com uma outra situação, o equilíbrio entre:



mas não serão estes dois factores complementares e essenciais no desenvolvimento pleno do indivíduo?

Ensinar a compreender o Mundo Actual, tarefa que parece simples no papel, torna-se difícil quando se tenta passar da teoria à prática. Já que o professor se encontra confrontado com dois problemas essenciais:

1. O nível de desenvolvimento dos alunos que põe problemas à compreensão dos acontecimentos.
2. Ao nível da sua própria formação.
 - A complexidade do Mundo Actual e a sua especialidade numa disciplina.
 - Os relatos desses acontecimentos - materiais de trabalho - destinados a adultos e redigidos por vezes com uma terminologia de difícil compreensão.

III. DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

O nível de desenvolvimento intelectual dos alunos não constitui um limite em si, mas é necessário que o professor conheça as suas características essenciais para que possa adequar as suas estratégias aos esquemas de compreensão e conhecimento de cada aluno.

O indivíduo de 11/12 anos começa a ser capaz de raciocinar sobre preposições abstractas formulando hipóteses explicati-

vas para através de várias combinações chegar à resolução de problemas quer internos quer externos.

E por esta altura que começa a manipular de uma forma mais interna os conceitos sociais (liberdade, guerra, paz, etc.), começa a ser capaz de abordar os assuntos sob diversos pontos de vista. Para além da lógica também o ponto de vista social, moral e político são importantes.

Esta presença de múltiplos sistemas de referência na compreensão dos acontecimentos está longe de ser pacífica e unânime.

Por exemplo o direito à liberdade pessoal e à liberdade dos outros, distinção entre liberdade e licença (esta começa quando a liberdade dos outros pode ser ameaçada).

Os alunos podem não ir às aulas se quiserem (a sua liberdade só a eles diz respeito) mas não podem fazer barulho quando os outros querem estudar ou trabalhar (licença - a sua acção interfere com os outros).

O estar atento aos acontecimentos provoca frequentemente conflitos quer pessoais, quer com um certo número de "realidades" do seu desenvolvimento, pais, professores, Escola, pares, etc.

Ora estes conflitos fazem parte do desenvolvimento e é através deles que o jovem se vai autonomizando. É essencial permitir espaços para que os jovens formem as suas opiniões e as discutam, evitando tentações "adulto-centristas" legitimadas pelo "saber", pelo "estatuto", etc.

Como já dissemos se o jovem é capaz de lidar e de operar sobre conceitos abstractos é também intuitivo e prático.

O concreto, o vivido, a imagem, as apresentações simplificadas são elementos importantes no trabalho pedagógico. Quanto

menos se sabe sobre um assunto menos se consegue trabalhar a um nível abstracto com ele.

Assim é importante ter em conta os processos de comunicação, os materiais a produzir e a trabalhar (devem permitir vários pontos de vista).

Num trabalho realizado nas escolas de Geneve sobre os Direitos do Homem os professores perceberam que não seria eficaz apresentar e trabalhar sobre a versão original da Carta dos Direitos Humanos. Então redigiram uma versão (1983) numa linguagem que fosse acessível a todos.

Dividiram os artigos pelos vários domínios: Tu (indivíduo), a Família, o País, a Sociedade, a Terra (Universo) e apresentaram as duas versões.

Por exemplo: Artigo 4 - SOCIEDADE

Ninguém tem o direito de te fazer escravo nem tu tens o direito de fazer escravo qualquer pessoa*

Ninguém será tido como escravo; a escravatura e o comércio de escravos são proibidos por todas as formas**

Este tipo de trabalhos de análise sobre os documentos e/ou situações a trabalhar são extremamente importantes. Ao contrário do que muitas vezes se julga não são os objectos (diapositivos, notícias, videos, etc.) que suscitam a actividade dos alunos, mas o interesse e o modo como se investigam esses objectos para que um assunto se afigure como "interessante", é necessário que ele tenha a ver de algum modo com o sujeito. Este modo de relação entre o indivíduo e os assuntos ou a experiência pode estabelecer-se de diversas maneiras.

* versão 83

** versão original

- a) através da sua vivência;
- b) através da sua observação e compreensão;
- c) através de representações a partir duma leitura ou dum relato.

Sabemos por experiência própria que o grau de implicação depende "do quadrado da distância afectiva ou real entre nós e os acontecimentos". Ficamos mais implicados na morte de uma pessoa próxima do que numa catástrofe distante, por exemplo, dum avião em que morrem 200 pessoas.

E importante pois, estar atentos a estas situações e problemas que o desenvolvimento dos alunos nos coloca. Trabalhar sobre o concreto - o bairro, a cidade, a escola, etc. - para passar ao abstracto - a manifestação dos mesmos problemas noutros sítios, por exemplo - e vice-versa.

IV. ESTRATEGIAS PEDAGOGICAS

Nesta perspectiva de educar para a compreensão e intervenção no Mundo Actual duas ideias se revelam importantes:

- a) Que se devem criar condições para a compreensão de um certo número de conceitos ou ideias (tais como Justiça, Paz, Guerra, Racismo, Poluição, Salvaguarda do Património, etc.), em função dos temas abordados.
- b) Esta compreensão não deve ser apenas intelectual mas vivida, sentida e reflectida.

Além disso, muitos acontecimentos ocorrem fora da escola. Para os podermos trazer para dentro da escola, ou os observarmos *in loco* ou utilizamos diversos tipos de suportes ou relato desses acontecimentos. Transformam-se assim estes últimos em materiais pedagógicos. Não devemos esquecer na sua

preparação e/ou selecção que competências se pretendem desenvolver nos alunos. Para além das competências mais específicas consoante os casos podemos salientar:

- a) O desenvolvimento da linguagem, quer falada quer escrita, associada à comunicação de ideias ou conceitos e à capacidade de argumentar com outros.
- b) Desenvolvimento dos "instrumentos" de análise e síntese em função das diversas situações ou matérias (notícias de jornais, rádios, vídeos ou situações vividas quer na classe, quer no "Meio").
- c) Desenvolvimento de competências que possibilitem saber como agir para regular pacificamente um conflito; tornar-se autónomo para que possa, de uma maneira activa, assumir as suas responsabilidades como cidadão.

Para desenvolver estas competências é necessário que os professores adoptem estratégias que contrariem o estado actual da Escola, a saber:

- que a "sala de aula" também é lá fora - potencializando observações "em situação" de acontecimento e facto;
- que o que acontece "lá fora" é importante de um ponto de vista pedagógico. Potencializando a diversificação de materiais de trabalhos e contextualizando-os;
- criando situações de trabalho cooperativo em detrimento de situações competitivas - potencializando a consolidação de saberes e o respeito mútuo através da comunicação de ideias e argumentação no seio do grupo.

V. ATITUDES PEDAGÓGICAS - IMPLICAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1. Ao nível das Atitudes

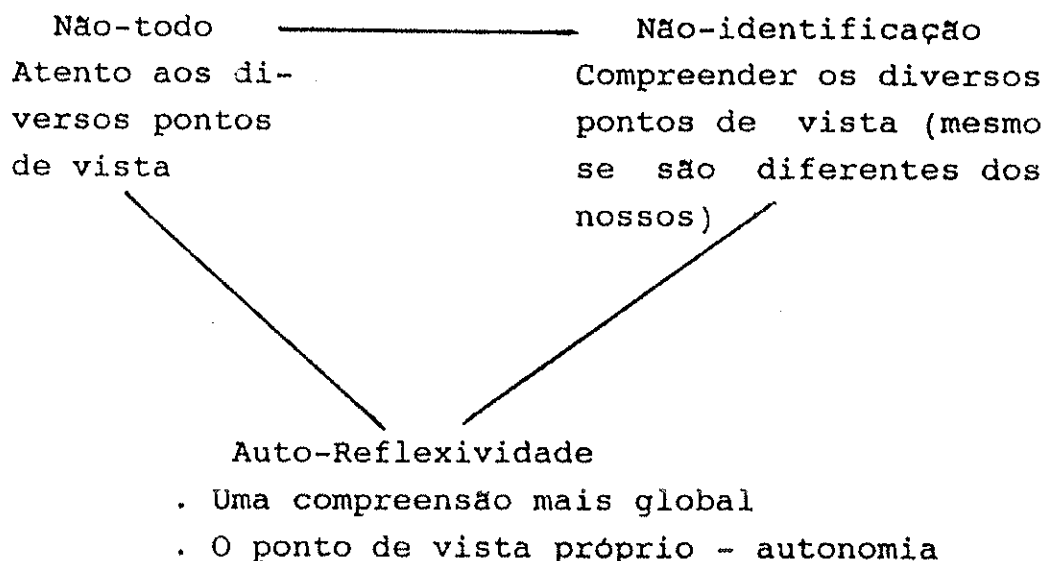
Este modo de conceber e de praticar o ensino implica atitudes diferentes face às pessoas e aos acontecimentos. Podem-se apontar três noções de base:

- a) A noção de não-tudo ou a aceitação de outros pontos de vista.

Qualquer que seja o assunto nunca o esgotamos com a nossa maneira de ver. Há sempre outras formas de ver e abordar o problema, ainda que disso tenhamos pouca consciência.

- b) A noção de não-identificação ou a compreensão de outros pontos de vista. Tentativa que se deve fazer de não favorecer estereotipizações numa primeira análise, mais que julgar deve-se compreender.

- c) Auto-reflexividade ou a autonomia. É necessário reflectir sobre as nossas próprias reacções para que possamos compreender de uma maneira e formar a nossa opinião.



Como podemos ver estas três noções estão interligadas, mas seria ilusório pensar que num primeiro tempo elas funcionam com o mesmo peso em todas as situações, e que se encontraria uma solução milagrosa para os problemas.

Mas duas coisas vão começando a ficar permanentes:

- . Aplicação de um sistema de descodificação a situações complexas, que poderão transmitir aos seus alunos no quadro das situações vividas.
- . O desenvolvimento de formas reflexivas o que permite uma descentração em relação aos problemas ou às situações.

Tudo isto contribuirá para o desenvolvimento de um novo estar na profissão. Diminuindo a intransigência, tomando consciência que nem só a opinião ou o saber do professor é exacto e válido - que um "modelo" explicativo terá sempre lacunas e quanto mais fechado fôr mais imperfeito será.

Proceder assim contribui para a criação de um contexto onde é possível o pensamento divergente (criatividade), a afirmação de ideias (autonomia) num clima de cooperação (liberdade de expressão).

2. Ao nível da escolha de estratégias

Um indivíduo face a uma experiência pode:

- a) perceber e simbolizar a situação, organizá-la e pô-la em relação consigo própria de modo a poder integrá-la;
- b) ignorá-la por não estabelecer nenhuma relação com ela;

- c) simbolizar deformando-a porque não corresponde aos seus esquemas mentais pouco exercitados nos três princípios já descritos - neste caso a experiência não é integrada e constitui no espírito do indivíduo uma ameaça provocando muitas vezes bloqueio.

Ter isto presente é importante quer na escolha de estratégias e materiais a utilizar no trabalho pedagógico, quer para perceber as reacções dos alunos às situações propostas.

Neste contexto assume particular importância o conhecimento dos interesses e motivações dos alunos para que os materiais ou as situações de trabalho facilitem a relação entre os níveis de experiência e a abstracção, a diversidade de pontos de vista, é a construção de um modelo explicativo o mais aberto possível.

VI. CONCLUSÃO

Aprender e compreender o Mundo Actual deve corresponder a um desejo, nascido livremente, quer dos professores, quer dos alunos.

Impôr este tipo de estudo por uma decisão de uma instância superior afigura-se como problemático. Ensinar aquilo em que não se acredita e de uma forma desinteressada é ineficaz. Não vale a pena convencer os outros com ideias mais ou menos fabricadas ou com ideias maçadas, mas antes através do trabalho e lançamento de pistas que possam ser agarradas de modo a deixar os outros decidir.

Convencerem-se que sentirão satisfação real tanto neste novo ensino e que os seus alunos sentirão tanto prazer quanto eles.

Educar para a compreensão e intervenção no Mundo Actual pode tornar-se um desafio interessante quer para alunos quer para

professores. Para os alunos porque lhes permite uma nova relação com o saber, para o professor porque cria um terreno inesgotável de formação e auto-formação não só do ponto de vista pedagógico mas também dum ponto de vista pessoal.

BIBLIOGRAFIA

Massarenti - Le developpment de l'enfant et son rapport avec
l'enseignement des droits de l'homme

Massarenti - Stratégies et Attitudes Pedagogiques

Veyrat e Massarenti - Rendre les Declarations accessibles à
tous